

CONTO IMORAL¹

Jacinto Benavente

Tradução de Rodrigo Conçole Lage*

Monólogo em prosa do dramaturgo espanhol Jacinto Benavente, prêmio Nobel de Literatura de 19. Sua estreia ocorreu no *Teatro Novedades*, em Barcelona, no dia 22 de julho de 1905. O personagem foi interpretado pelo ator José Santiago².

O ator sai à frente da cortina, lentamente.

Que comprometimento! Há dias em que a gente se sente capaz das maiores ousadias, e nada lhe parece impossível.

E é que eu sou assim; Há duas palavras que me revoltam, me esquentam o sangue e me obrigam a sentir-me capaz de qualquer coisa: a palavra difícil e a palavra impossível. Basta que alguém diga de alguma coisa que está a minha frente: é difícil, é impossível, para que eu contradiga imediatamente: Não há nada difícil, não há nada impossível; eu faço isso; eu o faço; discute-se, se cruzam ³ apostas... eu me vejo obrigado a sustentá-las ... e já estou metido numa confusão... E a de agora é mole.

¹ A edição utilizada para essa tradução foi publicada em 1913 pela *Sociedad de Autores Españoles*. Disponível em: <<https://archive.org/details/cuentoimoral00bena>>

² Foi um importante ator espanhol, falecido em 1925, que estreou outras peças de Benavente tais como: *El marido de la Téllez* (1897); *La escuela de las princesas* (1909); *Campo de armiño* (1916); *La vestal de Occidente* (1919). Fonte: **WIKIPEDIA**. José Santiago. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Santiago>.

³ Apostas cruzadas são as que ocorrem entre vários apostadores, geridas por terceiro e cujo pagamento deste é uma comissão cobrada ao vencedor.

Imaginem vocês que alguém me disse ontem: Tu que possuis muita simpatia entre o público, bastante autoridade e muito desembaraço, ou seja, desafogo; vejamos, não te atreves a apresentar-te ao público e contar-lhe um conto... um conto imoral, um desses contos capazes, segundo a frase consagrada, de ruborizar a um guarda civil? Eu não sei que motivo pode haver para que a Guarda Civil seja mais refratária ao rubor que qualquer outra Instituição armada; o fato é que a Guarda Civil e os Carabineiros compartilham este privilégio. Mas não discordo. Um conto imoral? Impossível!, exclamaram vários; já disse antes que a palavra impossível tem o privilégio de me esquentar o sangue. Não há nada impossível. Eu fico comprometido a contar o conto. E que conto! Foi escolhido por voto em um café de camareiras⁴; as camareiras participaram da votação e seu voto decidiu o resultado... Valente conto! As pobres meninas só o conheciam pelo título, e o título as enganou. (Não é o primeiro título que as engana.) É um título tão inocente... parece de uma história para crianças ... mas, sim, o contozinho está bom... Falem-me vocês; só de lembrá-lo me sobe o peru... Contudo, não há nada impossível. Difícil, sim; a meu pesar devo confessar que há algo difícil, e este é um dos casos difíceis. Já sei que vocês creem seguramente que eu não me atrevo a contar o contozinho; por isso vocês estão tão tranquilos e tão sentados, sem disporem-se a deixar o teatro, não sem antes chamar-me algo... Mas, vocês não me conhecem. Vocês não sabem como a palavra impossível excita meus nervos; todas as flores de laranjeira⁵ do mundo inteiro não seriam suficientes para acalmá-los, como todas as flores de laranjeira do mundo não bastariam para dar a meu conto um aspecto inocente. Percebo que vocês começam a ficar sérios; vocês começam a temer que eu seja capaz de tudo. Tranquilizem-se vocês; eu contarei o conto, vocês não duvidem; contudo, minha aposta não consiste só em conta-lo, mas sim em que vocês o escutem; porque, é claro que contá-lo no vazio não teria dificuldade alguma, e já disse que a palavra difícil me exaspera tanto como a palavra impossível.

⁴ Os cafés de camareiras eram considerados casas de prostituição.

⁵ A flor de laranjeira é um calmante natural, sendo utilizada em forma de chá.

Para que vocês me escutem, devo contar o conto de certa maneira... Isso é que é o difícil; mas não impossível. Noto que vocês já estão calmos; vocês pensam que, ao fim e ao cabo⁶, o conto não terá nada de especial... Ah! O conto é tremendo; capaz de ruborizar (me horripilam as frases consagradas), capazes de ruborizar a um lanterninha do Salão de Atualidades. Como contá-lo sem que, ao ouvi-lo, as senhoras não se levantem como um só homem e os cavalheiros, por galanteria, não acreditem ser o caso de acompanhá-las... e eu fique só, sozinho com os lanterninhas, que não serão, tampouco, tão alheios ao corar como os do referido Salão, acostumados ao tango com todos os seus detalhes? Pois bem; contarei o conto, e o contarei de tal maneira que sua imoralidade dependa exclusivamente de vocês. Se vocês observarem a atitude apropriada, se vocês souberem protestar no momento oportuno, a imoralidade desaparecerá como por encanto e qualquer romance da Biblioteca Rosa⁷ será um conto de Boccaccio comparada com meu conto... E vai o conto.

Este era um casamento, composto, como a maior parte dos casamentos, de uma mulher, um marido e um... (já se adiantam vocês com malícia. Não avisei a vocês que tudo depende de vocês?). De uma mulher, um marido e um menino de poucos meses, de muitos poucos... Como em todos os casamentos, a mulher não ama de modo nenhum ao marido... Vocês acham minha afirmação muito categórica? Pois bem; eu a sustenho e reafirmo-a. Não há casamento em que a mulher ame ao marido... Vocês se escandalizam? Vocês precisam de uma prova?... Neste momento estou seguro de que me escutam uma infinidade de senhoras casadas... Se houver uma, só uma, que ame ao marido, eu lhe peço que se levante e que diga em voz muito alta: "Eu amo a meu marido" (Pausa.) Vocês o veem? Nem

⁶ Expressão que equivale a: ao final das contas, no fim de contas, por fim. Por ser um espanholismo utilizado também no Brasil, mesmo que não seja tão usual como em Portugal, foi traduzido literalmente.

⁷ A *Bibliothèque Rose* foi uma coleção francesa, publicada pela Hachette, de livros para crianças entre 6 a 12 anos. Foi criada em 1856, mas existe até hoje.

uma só! Eu disse a vocês que de sua atitude dependia a imoralidade do meu conto. Pode haver algo mais imoral do que, entre uma porção de senhoras casadas, não encontrar nem uma só que ame a seu marido? Ganhei minha aposta. E agora sou eu o que se retira escandalizado.

FIM

CUENTO INMORAL

Jacinto Benavente

Sale el actor por delante del telón, pausadamente.

¡Qué compromiso! Hay días en que se siente uno capaz de las mayores audacias, y nada le parece imposible.

Y es que yo soy así; hay dos palabras que me sublevan, me encienden la sangre y me obligan a sentirme capaz de todo : la palabra difícil y la palabra imposible. Basta que alguien diga de alguna cosa delante de mí: es difícil, es imposible, para que yo conteste al punto: No hay nada difícil, no hay nada imposible; yo hago eso; yo lo hago; se discute, se cruzan apuestas... yo me veo obligado a sostenerlas... y ya estoy metido en un lío... Y el de ahora es flojo.

Figúrense ustedes que alguien me dijo ayer: Tú que tienes tantas simpatías en el público, bastante autoridad y mucho desparpajo, o sea desahogo; vamos a ver, ¿a que no te atreves a presentarte al público y contarle un cuento... un cuento inmoral, uno de esos cuentos capaces, según frase consagrada, de ruborizar a un guardia civil. ¡Yo no sé qué motivo puede haber para que la Guardia Civil sea más refractaria al rubor que cualquier otro Instituto armado; el caso es que la Guardia Civil y los Carabineros comparten este privilegio. Pero no divaguemos. ¿Un cuento inmoral? ¡Imposible!, exclamaron varios; ya dije antes que la palabra imposible tiene el privilegio de encenderme la sangre. No hay nada imposible. Y quedo comprometido a contar el cuento. ¡Y qué cuento! Se eligió por sufragio en un café de camareras; las camareras tomaron parte en la votación y su voto decidió del resultado... ¡Valiente cuento! Las pobres chicas sólo le conocían por el título, y el título les engañó. (No es el primer título que las engaña.) Es un título tan inocente... parece de un cuento de niños... pero, sí, bueno está el cuentecito... Ya me lo dirán

ustedes; sólo de recordarlo se me sube el pavo... Pero no hay nada imposible. Difícil, sí; a pesar mío debo confesar que hay algo difícil, y este es uno de los casos difíciles. Ya sé que ustedes creen seguramente que yo no me atrevo a contar el cuentecito; por eso están ustedes tan tranquilos y tan sentados, sin disponerse a despejar el teatro, no sin antes llamarme algo... Pero, ustedes no me conocen. Ustedes no saben de qué modo la palabra imposible excita mis nervios; todo el azahar del mundo no bastaría a calmarlos, como todo el azahar del mundo no bastaría a dar a mi cuento un aspecto inocente. Advierto que empiezan ustedes a ponerse serios; empiezan ustedes a temer que yo sea capaz de todo. Tranquilícense ustedes; yo contaré el cuento, no lo duden ustedes; pero mi apuesta no sólo consiste en contarlo, sino en que ustedes lo escuchen; porque, claro está que contarlo en el vacío no tendría dificultad ninguna, y ya dije que la palabra difícil me exaspera tanto como la palabra imposible.

Para que ustedes me escuchen, debo contar el cuento de cierta manera... Eso es lo difícil; pero no imposible. Advierto que ya están ustedes tranquilos; pensarán ustedes que, al fin y al cabo, el cuento no tendrá nada de particular... ¡Ah! El cuento es tremendo; capaz de ruborizar (me horripilan las frases consagradas) capaz de ruborizar a un acomodador del Salón de Actualidades. ¿Cómo contarlo sin que, al oírlo, las señoras no se levanten como un solo hombre y los caballeros, por galantería, no se crean en el caso de acompañarlas... y yo me quede solo, solo ante los acomodadores, que no serán tampoco tan ajenos al rubor como los del susodicho Salón, avezados al tango con todos sus pormenores? Pues bien; contaré el cuento, y lo contaré de tal manera que de ustedes exclusivamente dependa su inmoralidad. Si observan ustedes la actitud conveniente, si saben ustedes protestar en el momento oportuno, la inmoralidad habrá desaparecido como por encanto y cualquier novela de la Biblioteca Rosa será un cuento de Boccaccio comparada con mi cuento... Y va de cuento.

Este era un matrimonio, compuesto, como la mayor parte de los matrimonios, de una mujer, un marido y un... (ya se adelantan ustedes con malicia. ¿No les advertí a ustedes que de ustedes depende todo?). De una mujer, un marido y un niño de pocos meses, de muy pocos... Como en todos los matrimonios, la mujer no quería nada al marido... ¿Encuentran ustedes demasiado categórica mi afirmación? Pues bien; yo la sostengo y me ratifico. No hay matrimonio en que la mujer quiera al marido... ¿Se escandalizan ustedes? ¿Necesitan ustedes una prueba?... En este momento estoy seguro de que me escuchan infinidad de señoras casadas... Si hay una, una sola, que quiera a su marido, yo le ruego que se levante y que lo diga en voz muy alta: «Yo quiero a mi marido.» (Pausa.) ¿Lo ven ustedes? ¡Ni una sola! Ya dije a ustedes que de su actitud dependía la inmoralidad de mi cuento. ¿Puede darse nada más inmoral que entre una porción de señoras casadas no encontrar ni una sola que quiera a su marido? Gané mi apuesta. Y ahora soy yo el que se retira escandalizado.

FIN

* Graduado em História (UNIFSJ), Especialista em História Militar (UNISUL). Professor de História da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro -SEEDUC.